

Obreiros Podem Falar de Seus Conflitos?

**Edson E. Streck
Günter K. F. Wehrmann**

I — Introdução

Na sociedade capitalista a gente tem que ser inteligente, forte, “vivo”, para ter emprego, lucrar, “subir na vida” e para ter sucesso. Problemas e conflitos como desemprego, insegurança econômica, inacessibilidade ao ensino superior para a grande maioria da população são silenciados ou minimizados. De problemas e conflitos não se pode falar, a não ser que já estejam superados. Essa mentalidade de lucro e sucesso influencia também a igreja que está inserida nessa sociedade. Conseqüentemente, não é de se admirar que também na igreja é difícil falar por exemplo, de conflitos entre obreiros. Esse problema é agravado, onde se adota uma teologia que não considera o fato de ainda não estarmos no céu (“teologia da glória”).

Como luteranos, porém, sabemos que a gente é aceito, justificado, por Deus, antes de mais nada, pela graça e fé. Sabemos que a caminhada do povo de Deus acontece sob a cruz (“teologia da cruz”). Podemos falar, portanto, dos nossos insucessos, problemas e conflitos. Obreiros/as da igreja passam grande parte de seu tempo, escutando os conflitos de seus paroquianos; eles mesmos, porém, muitas vezes, não têm com quem falar de seus próprios conflitos. Por isso queremos usar este espaço, para falar de conflitos de obreiros/as. Através de um confronto bíblico-teológico, pretendemos encontrar pistas e perspectivas, talvez nem tanto para superar os conflitos, mas muito antes mais para conviver e crescer com eles. Pois a caminhada é sob a cruz.

Lembramos que o “ministério da reconciliação” (2 Co 5.18), em nossa realidade, se desdobra nos ministérios catequético/educacional, diaconal e pastoral. Embora todos os obreiros eclesiásticos enfrentem

conflitos semelhantes, não se pode ignorar que cada um desses ministérios experimenta conflitos específicos. Torna-se necessário, portanto, delimitarmos-nos, enfocando apenas o/a obreiro/a pastor/a.

Com essa escolha não pretendemos dizer que o ministério pastoral seja mais importante que os ministérios diaconal e catequético/educacional. Pelo contrário, sabemos de dificuldades que esses/as obreiros/as enfrentam justamente por causa de nós pastores/as, que, muitas muitas vezes, absolutizamos o ministério pastoral, ignorando ou pouco valorizando os demais. O maior problema na igreja talvez sejamos nós pastores/as, atuando em paróquia ou em funções especiais (também na Escola Superior de Teologia!). Vamos nos ater, neste estudo, exclusivamente aos nossos conflitos, deixando entrever, cá e lá nas entrelinhas, as demais relações.

A fim de que o estilo se torne mais fluente, não falaremos em pastor/a, mas só em pastor, solicitando que as colegas pastoras não se sintam marginalizadas, mas incluídas e valorizadas como obreiras com uma contribuição importante a dar na tarefa de humanização evangélica do relacionamento entre pastores/as.

II — Sintomas e Causas de Conflitos entre Pastores

1. A justificação por graça também vale para o pastor?

Ponto destacado na pregação de pastores luteranos é a justificação pela graça de Deus. Com base neste princípio luterano, condenam as obras como meio que garante a salvação. Sabem que a justificação não é decorrência apenas do esforço próprio. Afirmam que não é por mérito próprio que as pessoas alcançarão a graça de Deus.

“Faça o que eu digo, não o que eu faço”. Este ditado aplica-se a um grande número de pastores. Pregam que a justificação se dá pela graça de Deus. Vivem, entretanto, a justificação por obras. Como é raro ver um pastor sem a agenda em que ele marca seus compromissos! São poucos os pastores que têm datas vagas em seu calendário. Lotadas estão muitas de suas noites: quando não se encontram reunidos com grupos da comunidade, trancam-se em seus escritórios. É nas noites que o trabalho rende mais, já que telefone e campanha soam com menos freqüência. Há pastores que medem seu trabalho pela soma de quilômetros rodados, pelo número de grupos que dirigem (JE, OASE e outros), pelo volume de cultos e casamentos que tomam seu fim de semana. As estatísticas, quando

recheadas de números, são atestado de seu esforço, de seu espírito de doação, de sua produção.

Há situações em que a comunidade, através de seus membros, pressiona o pastor a produzir. Sociedade, igreja, comunidade fazem dele a imagem de uma pessoa praticamente perfeita. Vêem-no como molde e padrão de conduta. Colocam-no num círculo vicioso de atividades. Se o pastor quebrar esta rotina pode, por um lado, carregar consigo o sentimento de que está fazendo pouco pela comunidade: e fica de "consciência suja", inclusive nas horas destinadas ao seu descanso. A quebra da rotina pode, por outro lado, provocar sua rejeição por parte da comunidade: quem é pago para trabalhar — e não rende o suficiente — corre o risco de ser mal visto, de ser julgado como preguiçoso.

Há, por outro lado, a pressão que o próprio pastor exerce sobre si. Isto ocorre quando ele sente a necessidade de autojustificação. Por uma série de motivos (em geral inconscientes ou velados), o pastor vê-se como "mártir". Sente-se vítima dos desejos da comunidade. Age como um joque, sem força para libertar-se do fardo que ele mesmo carrega sobre si ou que a comunidade carrega sobre ele. Sente-se bem, em certos momentos, neste papel de sofredor. Enumera a quantidade de tarefas que faz e tem pela frente. Aponta, com certo orgulho, as mudanças que provocou, as confusões que aprontou, as proezas de que foi capaz, os conflitos que causou. Não é nova a afirmação: o pastor vale tanto quantos conflitos provoca. Trata-se, nestes casos e sob este ângulo, de um falso martírio.

O ativismo que marca a vida de muitos pastores traz sérias consequências. Além de atingirem o próprio pastor, alcançam também sua família e, de uma forma ou outra, espelha-se na comunidade. Problemas psicossomáticos e stress não são mais novidade entre pastores. Às vezes apontados como causa do ativismo, outras vezes como efeito dele, surgem outros problemas: desintegração individual ou familiar, frustração no trabalho, perda (?) da fé, profundo sentimento de vazio... Há quem afirma que a superatividade de um pastor é proporcional ao grau de problemas que ele carrega. Esta afirmação evidentemente não se ajusta a todos os casos, mas não é de todo descartável.

2. Plantar é preciso. Colher não é preciso?

O volume de trabalho que se agiganta à frente do pastor, tomando conta dele, muitas vezes não permite que ele pare: para refletir, descansar, refazer planos e estratégias, reabastecer-se. Atira-se todo ao tra-

balho, na ânsia de tornar o mundo mais justo e de ver as pessoas melhor encaminhadas. Vê num extremo o Reino de Deus como meta a alcançar. No outro extremo percebe a enorme corrupção em que o mundo se encontra e da qual é urgente afastar-se. Nesta pressão lança-se ao trabalho. Corre: e se cansa. Anda de reunião em reunião: e praticamente não vê surgir fruto do seu trabalho. Agita-se: e pouco se altera ao redor. Fala: e poucos ouvem. O que ele tenta alcançar em meses e anos de correrias, o que tenta dizer em dezenas de prédicas, um simples capítulo de uma novela de televisão consegue desmoronar em minutos. É difícil entender e admitir que é transitório o que como seres humanos fazemos, por melhores que sejam as intenções que temos como motivação para a luta. Neste contexto compreende-se melhor a ânsia que alguns pastores manifestam (em casos extremos, beira a uma obsessão): tentam desesperadamente deixar marcada sua passagem pela comunidade por uma série de construções. É difícil conviver com o fato de que o importante é semear e plantar. Quem semeia gosta de ver a brotação. Quem planta quer ver as flores e os frutos. Esta necessidade básica do ser humano não se aplica ao pastorado: é inerente à sua função plantar, em primeiro lugar, para outros porventura colherem.

3. O que leva pastores à disputa?

Ouve-se com certa freqüência a afirmação: “se há um sindicato que jamais vai funcionar, é o de pastores!” Outras frases indicam na mesma direção: “esta é uma igreja de pastores”; “em reunião de pastores tem muito cacique prá pouco índio”... Palavras como estas revelam um problema grave, que marcou a igreja desde a caminhada de Jesus com seus discípulos, perpassando sua história ao longo dos tempos: a disputa pelos melhores lugares, a luta pelo poder. Esta ambição persegue o ser humano e apresenta-se como tentação aos discípulos de Cristo, inclusive aos pastores. Em certos momentos, sobretudo naqueles em que se tomam decisões e se disputam vagas, a “política eclesíastica” é inevitável. Não há necessidade de classificá-la negativamente, como se fosse algo tão somente pernicioso. Ela se torna perigosa e pegajosa quando os interesses do todo, com base no Evangelho, sucumbem aos interesses de poucos, quando ocorrem disputas em que a mania de grandeza e a arrogância se revelam maiores que o senso de humildade. Duvidosa torna-se a atitude de alguém que aplica os dons que lhe foram confiados em benefício próprio, ao invés de colocá-los a serviço.

Na história e na vida de comunidades percebe-se a existência de pastores que assumem uma postura ditatorial em relação a membros e a

colegas. Alguns o fazem por índole, por falta de segurança, pela educação/formação que receberam, até mesmo por convicção. Tornam-se autoritários. O fato de haver, por exemplo, no Concílio Geral da IECLB atualmente mais leigos do que pastores, ainda não é garantia de que os leigos estejam de fato participando de forma proporcional das reflexões e decisões. É forte, entre pastores, a tendência de determinar posições, de influenciar decisões. A afirmação a seguir é taxada por alguns como sendo de mau gosto; foi dita originalmente fora de nosso contexto brasileiro, mas tem algo a dizer também a nós, pastores no Brasil: "pastores são como esterco: amontoados num único lugar, cheiram mal e não servem para nada; mas, espalhados pela lavoura e misturados ao chão, possibilitam que a terra produza bons frutos". Afirmações semelhantes a essa não surgem ao acaso. Não condenam, apenas.

Com que intenção defendemos nossas posições teológicas? Que pretendemos ao combater idéias e teses de outros pastores ou grupos? Estamos, quando tal ocorre, norteados pela busca comum do que é melhor para a igreja, para a humanidade?

4. O que leva pastores à acomodação?

Se por um lado há sobre os ombros de grande parte dos pastores uma carga que ultrapassa o tempo e a força física de que dispõem para desincumbir-se dela, por outro lado há os que realmente são negligentes no serviço. Falta de ânimo, de iniciativa, de disposição, levam a que um ou outro pastor se acomode. Fazem, quando muito, o estritamente necessário. Alguns julgam encontrar base teológica para tal postura numa compreensão tendenciosa do sacerdócio geral de todos os crentes: "por que deveria eu fazer o que compete a todos os membros?! Não deve cada um contribuir com os seus dons?!" Torna-se difícil o trabalho em equipe com pessoas que se negam a assumir compromissos que ultrapassem o previsto, o esperado e os limites geográficos. A substituição entre colegas torna-se precária. Em alguns casos a origem da acomodação está na insatisfação pela opção feita. Por conseguinte o pastor não se encontra no pastorado. Não gosta do que faz. Ao mesmo tempo não encontra coragem suficiente para ir ao encontro de outro serviço que lhe dê prazer. Sofrem: ele, sua família, a comunidade, a igreja.

Anos atrás um professor dirigia-se a estudantes da Faculdade de Teologia nestes termos: "Vocês não estão respeitando o 3º mandamento! Ao invés de descansarem 1 dia por semana e trabalharem em 6, vocês trabalham 1 dia e descansam nos outros 6!" É um exagero. Em proporções menores é o que acontece em alguns casos no pastorado. O ou-

tro extremo, porém, também se verifica, inclusive na vida destes mesmos estudantes que hoje são pastores: alguns conseguem trabalhar “direto”, sem dia de descanso, sem dia (que fossem horas!) dedicado exclusivamente ao convívio com a família, sem férias regulares, sem paradas para meditação e oração. Não conseguem separar-se, nem mesmo nas férias, de sua pasta de livros.

5. Cercado de pessoas, o pastor é um solitário

A solidão é um perigo que ameaça constantemente o pastor. Muitos encontram-se isolados em termos geográficos. Seus colegas mais próximos não se encontram tão próximos como gostariam de tê-los. Outros, mesmo rodeados de colegas por todos os lados, são como uma ilha. E sofrem solidão, mesmo com vizinhos a poucos quilômetros e minutos de distância. Não é esta a realidade do convívio entre pastores em Distritos Eclesiásticos densamente habitados por membros e pastores? Não é esta a sina de quem habita no Morro do Espelho?

A quem confessar a culpa que pesa? a culpa que oprime? A estrutura eclesiástica não permite que a maioria conheça seu Pastor Regional como o pastor que “está aí” para os pastores e para as comunidades. As reuniões de pastores ou de obreiros em muitos Distritos Eclesiásticos e instituições têm se transformado num encontro em que se debatem questões administrativas, não permitindo espaço para reflexão teológica e não permitindo ambiente propício para a “cura d’almas” entre colegas. O pastor, por definição, é pastor para os outros. Quando tem necessidade de ter o seu pastor, dificilmente o encontra em tempo oportuno. Mesmo rodeado por pessoas, o pastor às vezes não consegue disfarçar sua solidão.

Há membros que não entendem que o pastor possa ter suas “fossas”. Vêem-no tão acima das dores, tentações e sofrimentos que se abatem sobre cada ser humano, que não compreendem que como tal ele também tem “direito” a desabafo, a lágrimas.

Membros, quando se aproximam de seu pastor como ser humano, tendo coração e ouvido abertos para as dores dele, conseguem ser ótimos parceiros, os confessores solitários de que necessitam.

6. À sombra da avaliação, alguns se acomodam

Algo que acompanha o pastor como uma sombra é a avaliação que as pessoas fazem dele. A comunidade observa e avalia seu pastor constantemente. Esta avaliação acompanha-o como uma sombra perse-

gue uma pessoa sobre a qual é jogado um foco de luz. Sombras costumam ser maiores ou menores do que o corpo ao qual se prendem. Em geral apresentam-se deformadas: dependem do ângulo da luz que se projeta sobre o corpo e do ponto de vista da pessoa que observa.

Alguns pastores conseguem conviver pacificamente com esta sombra que os acompanha. Outros se assustam com as proporções que a sombra assume. Procuram, temerosos, expor-se ao mínimo. Agarram-se a suas posições. Temem avaliações. Retraem-se. Têm medo de choques. Instalam-se em determinada posição e firmam pé. Negam-se a sair da posição conquistada.

Sintomas desta insegurança percebe-se em pastores que se negam a participar de reciclagens, cursos, seminários e debates em que algo novo possa ser descoberto. Encontram-se satisfeitos — e seguros — nos parâmetros do estudo de Teologia que adquiriram no tempo em que eram estudantes da Faculdade de Teologia. Estão acomodados (cf. item 4). Tudo o que é novo questiona, provoca, desinstala. Correr o risco?!

Com tal atitude sofre sobretudo a comunidade, pois se vê obrigada a conviver com um pastor que não se atualiza, que não admite mudanças, que não traz dados novos para seu trabalho e reflexão, que por vezes se encontra deslocado em tempo e espaço.

7. A pergunta constante pela vocação

A escolha do pastorado como opção de vida acompanha o pastor desde antes de seu ingresso na Faculdade de Teologia. Como estudante de Teologia, são inúmeras as crises que lhe tiram o sono. Algo vai mal com o estudante que não admite ter enfrentado crises em que contestasse sua vocação para o pastorado. Algo vai mal também com o pastor que não se pergunta se o pastorado é, de fato, a opção para toda a sua vida.

Uma série de problemas que o pastor enfrenta no exercício de seu ministério remontam ao seu tempo de estudo e formação

Se o estudo transcorre de uma forma predominantemente individualizada, a tendência é que o trabalho em equipe venha a ser executado com maior sofrimento. Trabalho conjunto com colegas, participação em seminários e grupos de interesse, repartir tarefas: estas experiências costumam facilitar e aprimorar o trabalho em equipe.

Efeito semelhante se dá quando o conceito de vocação e de fé é iminentemente individualizado. Há pessoas que optam pelo estudo de Teologia unicamente a partir de uma experiência direta com Deus, faltando a dimensão da comunidade em sua opção. Alguns optam pela

Teologia, porque vêem nela a possibilidade de resolver conflitos pessoais. Outro extremo se verifica quando pessoas chegam à Faculdade de Teologia sem o mínimo de clareza a respeito do que pretendem. Outros — principalmente aqueles que conviveram em internato durante o 2º grau — não trazem ligação forte com sua comunidade de origem. Outros chegam com o desejo de ajudar pessoas, sem que se perceba neles a motivação pela fé em Deus.

À medida em que o estudo os desinstala e abala convicções até então tidas como seguras, estudantes passam por fases em que “lutam” com/contra Deus, consigo mesmos e com quem os cerca. Ao longo do estudo a questão da vocação é trabalhada, não sem dores e marcas. Há desistências do estudo de Teologia e conseqüente procura por novos rumos para a vida. Problemática é a situação dos que se sabem não-vocacionados, mas não tomam a decisão de abandonar o estudo. É grande o risco de que venham a encarar futuramente o pastorado como mera profissão. Quem não se confronta seriamente com sua vocação corre o risco de tornar-se um pastor que exerce seu ministério como simples ganha-pão, sem compreender que pastorado pressupõe envolvimento e desprendimento pessoal. O pastorado, apesar de apresentar inúmeras dificuldades e limitações, acena com algumas vantagens: há emprego praticamente garantido para quem se forma; há garantia de salário fixo e de residência; há possibilidade até de trocar de paróquia se o clima vier a se deteriorar... “Garantias” como estas podem ser uma tentação para os indecisos: despertam “vocações” (mesmo as que não podem ser definidas como tais), acomodam indecisos (que não se desligam da Faculdade de Teologia ou que não se desligam do pastorado, posteriormente).

8. Conflitos que brotam no campo das finanças

A questão financeira pode vir a causar conflitos na família do pastor e no seu relacionamento com colegas.

Por decisão do Concílio Geral, fixou-se um salário-base a ser pago mensalmente ao pastor. À medida, porém, em que se permite que comunidades/instituições fixem abonos, a competição é estimulada. A intenção de quem paga abono certamente não é a de promover concorrência e rivalidade entre pastores. Indiretamente, porém, é o que acontece. A prática revela que paróquias financeiramente fortes dificilmente permanecem vagas por longo tempo. Ao mesmo tempo, paróquias menores ou deficitárias em geral sofrem bastante até conseguirem um novo pastor.

Se o salário-base é, de fato, insuficiente: por que não aumentá-lo para todos, ao invés de só para alguns que atuam em lugares que passam a ser considerados privilegiados? Vários estudos já foram feitos em torno da questão salarial dos pastores: que fim lhes foi dado? Quais são os critérios para estipular um salário que seja justo, que supra as reais necessidades, de situação para situação?

Comparado ao que recebem outros profissionais de formação superior, o salário do pastor é relativamente baixo. Comparado ao que é pago à maior parte dos operários brasileiros, o pastor encontra-se num patamar mais elevado. Como conviver com este conflito: pressionado, por um lado, por leis do mercado de uma sociedade capitalista e, por outro lado, pelo Evangelho que proclama desprendimento? Como resistir aos apelos e acusações de amigos e familiares quando estes não compreendem a opção por um modo de vida mais simples?

Mesmo não tendo um padrão alto de salário, o status de pastor abre diversas portas. Quando visto como uma "autoridade eclesiástica" no meio em que atua, é facilitado seu acesso a certas repartições públicas, entidades de assistência, clubes, escolas, famílias...

9. Na mira está o pastor — atingida é toda a família

Todos os aspectos acima mencionados repercutem na família do pastor, com maior ou menor intensidade. O ambiente familiar em certos momentos determina o trabalho do pastor, em outros é determinado por ele.

A família do pastor ressent-se de sua presença, quando ele está sobrecarregado de trabalho, quando é avaliado pelo que produz ou deixa de produzir. Problemas familiares que não são devidamente encaminhados podem, inclusive, ser motivo — conscientes ou não — para que o pastor passe o maior tempo possível fora de casa, afundado no trabalho.

O autoritarismo de certos pastores pode ser reflexo de sua vida em família: é possível que em casa tenha a mesma postura de ditador que assume na comunidade. Há, por outro lado, "coronéis" que, dentro das paredes do que chamam lar, encontram alguém que lhes dite as regras (cônjuge ou filhos) e neste ambiente tornam-se submissos e impotentes.

As avaliações que a comunidade faz acerca do pastor atingem diretamente sua família: seus fracassos e sucessos aterrizam em sua casa e há momentos em que aterrorizam. Representam permanência ou saída em relação ao local em que residem. Respondem pelo clima de segurança ou insegurança em que a família vive.

Sua solidão causa sofrimento a seus familiares, quando percebida. Há casos em que na própria família o pastor convive com o companheiro que ouve, ampara e acolhe suas dores. O peso do que o pastor, por função, carrega em sigilo, às vezes ultrapassa o limite do humanamente suportável. Não convém que todo o fardo seja descarregado em casa. Com quem desabafar?

As crises vocacionais — ou pior: a indefinição em torno da vocação — trazem profundas conseqüências à vida familiar. Uma mudança em direção a outro trabalho às vezes é enfrentada com oposição pelos familiares. Por outro lado, constata-se que alguns cônjuges descobrem-se iludidos e surpresos: se antes do casamento era sinal de status casar com pastor, a convivência diária com seu trabalho revela outra realidade. Os ossos do ofício vêm à tona. A frustração de seu cônjuge pode abalar o trabalho do pastor, cansado de constantes e intermináveis reclamações.

Certas questões fazem-se cada vez mais presentes em famílias de pastores: conflitos entre o casal; conflitos do casal com os filhos; tratamento psiquiátrico do pastor, de seu cônjuge ou de seus filhos; separação de casais ou matrimônios mantidos mais pela conveniência do que pelo amor...

A expectativa da comunidade, de que o pastor e sua família sejam modelo de vida cristã, ao invés de ser encarada como uma liberdade, é recebida como camisa de força. Filhos adolescentes sofrem muito com esta "cobrança" e muitas vezes se rebelam contra esta situação.

Em grau maior ou menor, dependendo das circunstâncias, toda a família é atingida pela postura do pastor em relação ao dinheiro. Há casos em que familiares não se adaptam aos rendimentos que ele recebe. Não está em jogo apenas o ganho mensal, mas a pergunta pelo futuro: dos filhos, quando estiverem em condições de freqüentar uma escola de 2º ou 3º grau; do casal, quando vier a aposentar-se; da família, quando doenças invadem o lar...

Em jogo está a questão: com quem está casado, em primeiro plano, o pastor? Com a igreja ou com a família? Conflitos se avolumam quando ambos são colocados em confronto, em oposição. Um pastor expressou-se certa vez nestes termos: "Se o pastor quer dar peso exageradamente maior ao trabalho na comunidade, é melhor que não case. Pois, casando, fará sua família sofrer deliberadamente". Se, por outro lado, vier a usar a comunidade para satisfazer sobretudo seus desejos e caprichos de familiares, que seja coerente da mesma forma.

Conflitos que convivem com o pastorado: há mais. Os apontados, infelizmente, não são todos.

Colocar alguns deles a limpo e tocá-los não deve ser o único passo a ser dado. Com certeza é um passo fundamental no processo em busca de um pastorado mais autêntico, mais coerente, que traga conseqüências benéficas a todos que por ele são atingidos. Enfocar estes conflitos à luz da Palavra de Deus é outro passo decisivo nesta caminhada.

III — Confronto Bíblico-Teológico

Até aqui vimos multiformes sintomas e causas de conflitos que marcam a vida de pastores, seja na vida individual, familiar ou no convívio entre eles. Agora tentaremos confrontar essa realidade com o testemunho bíblico-teológico e confessional. Estamos à procura de orientação e auxílio, talvez nem tanto para solucionar os conflitos, mas muito antes para que eles possam colaborar com vistas ao bem (Rm 8.28), ou seja, para o louvor de Deus, a edificação da Igreja e o nosso próprio crescimento.

I — Jesus se preocupa com o descanso

No ministério pastoral, agitado por tanto “corre-corre”, faz bem perceber que o Senhor do ministério se preocupa com o descanso dos seus ministros. Mc 6.31 relata que eles (os apóstolos) “não tinham tempo nem para comer, visto serem numerosos que iam e vinham”. Jesus, com muita empatia, teme que os seus sucumbam em tanto ativismo. Por isso os convida: “Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto”. No meio do povo, da comunidade, estão inúmeros desafios e tarefas que por eles esperam. Aí não conseguiriam desligar, muito menos descansar. É necessário retirar-se para um lugar deserto. Jesus não só dá a liberdade, mas manda, dizendo “vinde”. Cada pastor exusto saiba que, mesmo se a comunidade ou a respectiva instituição eclesial pouca se importem como o descanso necessário de seu obreiro, Jesus dá a liberdade e a ordem para descansar.

Como se percebe em referido trecho de Mc 6. essa boa intenção de descansar não é fácil de ser concretizada. Pois, ao se retirarem os discípulos, são vistos por algumas pessoas. A notícia de que foram indo para determinado lugar se espalha e muita gente corre para lá. E o descanso se foi. Ficam conversando, ensinando, planejando acerca do projeto

da promoção de vida boa, principalmente para os que menos a têm. Saciam a fome de vida dessa multidão (Mc 6.34-44).

A seguir, Jesus compele (força, coage, obriga) seus discípulos a atravessarem o lago (v. 45). Parece que ele se quer ver livre não só da multidão, mas também dos discípulos. Agora sobe ao monte para orar. Ao anoitecer, no silêncio em cima do monte, longe do movimento do dia agitado lá em baixo, Jesus procura estar a sós consigo e seu Deus. Aí está o último segredo do descanso verdadeiro!

Não é fácil conseguí-lo. Não há receitas prontas que se possa aplicar a qualquer situação de pastor. Pois o lugar, as horas e o jeito do descanso necessário para o pastor podem variar, conforme situação pessoal, familiar, geográfica e comunitária. Um aspecto, porém está claro: O pastor tem o sagrado direito de lutar pelo descanso necessário. O descanso não só faz parte da criação (Gn 2.3), mas também é o alvo dela (Hb 4.3). O pastor que não tem o descanso necessário, em termos quantitativos e qualitativos, é irresponsável não só com sua saúde psíquica, física e familiar, mas também com a saúde espiritual. Pois ele acaba se esvaziando. Sua pregação vai se assemelhando ao debulhar palha, perde sua força convencidora e libertadora. Parece que o problema de muitos pastores da IECLB não é que preguem e ajam pouco; pelo contrário, o problema parece ser que preguem e ajam demais. Menos pregação e menos ação, mas com mais profundidade e autoridade, talvez seja o desafio da hora. Isso é fácil de dizer; concretizá-lo, porém, é extremamente difícil, considerando todo o emaranhado de conflitos e obstáculos que pastores enfrentam. Mas como receber aquela autoridade e profundidade?

2 — Jesus ensina: escutar a Deus e ao clamor do mundo

As conhecidas histórias sobre Maria e Marta e o bom samaritano (Lc 10.25-42) expressam bem a dialética entre o escutar a Deus e o escutar ao clamor do mundo. Parece que nós pastores, muitas vezes, nos assemelhamos à Marta que se preocupa e ocupa com tantas coisas boas e importantes, que se mata servindo. Nossas agendas estão cheias de compromissos assim que não nos sobre tempo para parar e ler a Bíblia, com vistas à re-orientação pessoal. Isso nos causaria consciência suja; pois ficando aí parados, não estaríamos servindo à comunidade, ao povo. E aqueles que lêem a Bíblia para escutar a Deus, tal qual Maria aos pés de Jesus, julgamos crentes, alienados, evangelicais ou preguiçosos. Jesus, porém, nos diria como disse à Marta: "Pastores, pastores! Vocês andam

inquietos e preocupados com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte e esta não lhe será tirada" (Lc 10.41s).

Qual é a boa escolha de Maria? Ela sabe que o serviço de Jesus a nós precede o nosso serviço. Ela sabe que não pode servir a Jesus, sem ser servida por ele primeiramente. Sabe que não pode pregar à comunidade, sem antes ter ouvido a mensagem para si mesma. Por isso ela se senta aos pés de Jesus e escuta seu ensino. Cristo quer libertar a nós pastores para tal postura e atitude do escutar a Deus — escutar para nós pessoalmente, sem logo pensar na pregação para a comunidade.

O escutar a Deus aguça os ouvidos para o clamor do mundo. A história do bom samaritano pode expressar bem a realidade brasileira. Salteadores estrangeiros e nacionais constantemente assaltam o povo e o deixam semi-morto na beira da estrada da vida. O sacerdote e o levita vêem o assaltado, mas têm compromisso urgente, lá no templo, no congresso eclesiástico, ou lá na convenção do partido político. Na verdade, não vêem nem escutam o assaltado. O samaritano, porém, aquele que não é da igreja, nem do partido, esse se torna o próximo misericordioso do assaltado. Ele, de fato, o vê e escuta seu clamor.

O evangelista Lucas coloca essas duas histórias juntas, para mostrar a interligação entre o escutar a Deus e o escutar ao clamor do mundo. As duas dimensões do escutar são inseparáveis como dois lados de uma só moeda. São como as duas pernas do cristão ou da Igreja. Para caminhar se precisa das duas pernas; caso contrário, fica-se pulando numa só perna e perde-se rapidamente o fôlego. E sendo sinceros, devemos admitir que há muitos pastores por aí "com língua de fora".

A bem da verdade, porém, deve ser dito que também há pastores que se assemelham àquele servo infiel que enterrou seu talento (Mt 25.18). Em vez de trabalharem com seus dons que Deus lhes confiou e em vez de desenvolvê-los, fazem só o estritamente necessário, como cultos, ofícios e isso ainda mal feito. Acomodaram-se numa mentalidade de "funcionário religioso"; não mais se atualizam pela leitura, pesquisa e reciclagem. Colocam-se, assim, sob o juízo de Deus (Mt 25.26-30). A pergunta é se uma comunidade e a igreja podem fechar os olhos diante de tal fato ou se não devem ajudá-los a mudar de atitude ou, se isso não dá resultado, ajudá-los a procurar outro emprego, em que possam desenvolver melhor seus dons.

3 — Cristo distribui multiformes dons para o serviço

É expressão da criatividade divina que cada ser humano e cada ser vivo seja singular e tenha suas particularidades, seus dons específicos e, por conseguinte, seja inconfundível. As particularidades, habilidades e dons são adquiridos através de múltiplos fatores: hereditariedade, meio-ambiente, história, cultura, experiência, formação. Assim como a fauna com todas as suas espécies forma, através da interdependência e da complementação, o equilíbrio ecológico, assim também os seres humanos são interdependentes. Complementam-se e fazem parte do todo da criação. As pessoas, contudo, acham que não precisam uma da outra. E essa arrogância, auto-suficiência ou mania de grandeza estraga a convivência harmoniosa com os semelhantes e a natureza. Este é o pecado do ser humano: ele deixa de assumir a sua devida função em seu devido lugar, na humanidade e na natureza. Desse pecado básico resultam todos os problemas na natureza, na sociedade, na Igreja e na família.

Assim, porém, o estado de coisas não precisa continuar. Pois, Deus mesmo veio, encarnando em forma humana. Jesus é o novo homem que assume sua devida função em seu devido lugar. Ele se esvazia a si mesmo, despoja-se de todo poder, assume forma de servo (Fp 2.7), promovendo a vida para tudo e todos, principalmente para os que menos a têm. Todas as suas habilidades, forças e capacidades ele pôs a serviço da promoção da justiça e da paz. De fato, nele irrompe o Reino de Deus. Embora as pessoas se escandalizem com ele e o crucifiquem, Deus o confirma ressuscitando-o dentre os mortos. Agora, a última palavra não mais estará com a arrogância e mania de grandeza, mas sim, com o colocar os dons a serviço da promoção da vida. A vida terá a última palavra sobre a morte (1 Co 15.26). Deus será tudo em tudo e todos (1 Co 15.28).

Esta esperança nos deixa inconformados com todas as manifestações de morte, seja na natureza, na sociedade, na família, na Igreja como um todo ou no convívio entre pastores. Cristo nos liberta para esta nova visão.

4 — Cristo liberta e vocaciona para o viver em comunidade

A partir do Batismo, somos propriedade de Deus (Is 43.1), fazemos parte da grande família de Deus (Ef 2.19) e do sacerdócio real (1 Pe 2.9); somos incorporados ao Corpo de Cristo (Ef 1.23) que é o corpo da comunidade, da Igreja (1 Co 12.13). A Bíblia usa o corpo humano como figura para ilustrar a interdependência e complementação dos membros da co-

munidade. Assim como no corpo cada membro, com sua capacidade e função em seu lugar específico, contribui para o funcionamento harmonioso de todo o organismo, assim também os membros de comunidade, com suas capacidades e funções em seu devido lugar, contribuem para a edificação de toda a comunidade, com vistas a seu testemunho no mundo (Ef 4.12s.). Cada qual serve ao todo e, por isso, é importante. Ninguém é auto-suficiente ou arrogante, pois, sabe que necessita do outro (1 Co 12.14-22). Só assim a comunidade torna-se um testemunho vivo e autêntico. Só assim ela tem autoridade para denunciar os poderes promotores da injustiça e morte. Só assim ela tem força para colocar sinais concretos da vida nova em comunhão, paz e justiça, ou seja, sinais do Reino de Deus. É bom lembrar que o pastor é membro da comunidade!

Para que a comunidade possa desincumbir-se desse serviço de testemunho, ela precisa alimentar-se. O alimento ela recebe pela Palavra e pelos Sacramentos (cf. At 2.42; CA, art. V). Segundo tradição luterana, esse é o ministério eclesiástico¹ que visa à criação e edificação de comunidade, com vistas à sua missão no mundo. Esse ministério geral, na prática, desdobra-se em diferentes ministérios específicos, dependendo das necessidades e possibilidades da comunidade e da igreja. Na IECLB temos os ministérios catequético/educacional, diaconal e pastoral². Todos esses ministérios específicos não têm um fim em si mesmos, mas estão a serviço da comunidade. Qualquer atitude de manipulação, autoritarismo ou dominação não é evangélica; pois ela contradiz o espírito da vocação para o servir e viver em comunidade ("ministério" significa "serviço"). Inúmeras passagens bíblicas alertam nesse sentido (p. ex., 1 Pe 5.1-4).

5 — Cristo liberta para o ser pequeno

A tentação de competir com colegas tem a sua origem na natureza humana e, além disso, é fomentada pela sociedade capitalista em que vivemos. Ela se manifesta diretamente no convívio entre pastores, como já vimos acima.

Cristo nos faz perceber as conseqüências desastrosas desse ter que ser grande. Ele nos liberta dessa mania, à medida em que nos conscienti-

1 — Cf. Martin N. DREHER, A concepção luterana do ministério eclesiástico — alguns apontamentos, in: **Estudos Teológicos**, 23(3): 231-248, 1983.

2 — Conscientemente mencionamos o ministério pastoral por último, para desafiar a nós pastores e à IECLB, com vistas à valorização e ao devido reconhecimento dos ministérios catequético/educativo e diaconal.

za de que nenhuma proposta ou estratégia pastoral e nenhuma pregação, por mais dinâmicas e criativas que sejam, garantem o “sucesso” almejado. O último objetivo de levar pessoas a crerem em Cristo, ou seja, de construir o Reino de Deus, não nos é factível. Isso permanece sendo obra do próprio Deus. E quando, através de nossa limitada ação pastoral, pessoas e estruturas chegam a ser libertadas e transformadas, então vemos nesse fato um sinal do Reino, originado pelo próprio Deus. É semelhante àquele semeador que semeou e semeou... Três partes da boa semente lançada não redundaram no fruto almejado; uma parte, porém, deu fruto. Isso nos torna humildes e perseverantes no pastorado. A causa, em última análise, não é nossa, mas do próprio Deus. Ele é quem dá o crescimento.

Nesse sentido, é bom lembrar que nenhum pastor reúne todos os dons dos quais a comunidade necessita. Um pastor tem o dom da poimênica — que então sirva primordial e intencionalmente com esse dom! Outro tem o dom de pregar — que então sirva primordial e intencionalmente com esse dom!³ A comunidade desfruta dos multiformes dons que Deus distribui entre os obreiros. Por isso também é recomendável que o pastor não se “eternize” numa só paróquia, nem pense que tudo que o antecessor fez ou não fez não tem validade. Pelo contrário, pode ver a história da comunidade com os olhos de Paulo: “Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento” (1 Co 3.6s).

A partir desse ponto de vista, somos libertados do ter que ser grande. Agora podemos ser pequenos. Somos libertados para valorizar o que Deus faz através do outro colega.

6 — Cristo faz perceber a provisoriade do fazer teológico

Esse ser pequeno leva a perceber todo o nosso fazer teológico como sendo provisório e transitório. Começamos a perscrutar a profundidade das palavras do apóstolo Paulo acerca do amor que jamais acaba, enquanto todas as outras grandes virtudes cristãs passarão, “porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos” (cf. 1 Co 13.8s). Embora tenha escrito as mais famosas obras teológicas e tenha sido o mais abençoado missionário de toda a Igreja, Paulo tem esta consciência da provisoriade e transitoriedade: “porque agora vemos como em espelho,

3 — Sobre “Um pastorado intencional” escreve Ricardo WANGEN em: KIRCHHEIM, H. (ed.). **Pastorado em discussão**. São Leopoldo, Sinodal, 1979, p. 39-48.

obscuramente" (v. 12a). "Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado" (v. 10); "então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido" (12b). Diante da perspectiva da parusia de Cristo, o nosso fazer teológico e as nossas propostas pastorais ganham seus devidos lugares, ou seja, deixam de ser absolutizantes e arrogantes.

Essa consciência da provisoriedade e transitoriedade do nosso conhecer teológico e pastoral nos faz desmascarar toda e qualquer teologia ou pastoral absolutizante. Nesse sentido, Paulo soube brigar com Pedro (Gl 2). Pelo mesmo motivo nós temos que desmantelar qualquer teologia que não mais distingue entre sinais do Reino e o próprio Reino de Deus, nem distingue entre fé/esperança na salvação e a própria salvação.

Essa mesma consciência da necessária tensão entre o "já agora" e o "ainda não" também nos capacita a viver com diferentes formas de pastorado, sem absolutizar uma em detrimento de outra⁴. Pois cada forma é histórica, isto é, depende de múltiplos fatores, tais como: vocação, cultura, formação, contexto histórico específico. Deus é multiforme e criativo. Portanto, deve haver multiformidade de pastorados dentro de uma mesma igreja⁵. O talar não quer uniformizar os pastores, mas identificar o pertencer a uma mesma igreja.

Essa consciência da provisoriedade do nosso conhecer teológico e pastoral também nos liberta do individualismo teológico-pastoral, supera a solidão. Ela nos faz buscar por complementação e cooperação; capacita para o gratificante trabalho em equipe, tanto com colegas e leigos quanto com outros profissionais.

7 — Cristo liberta para um novo relacionamento com o dinheiro

Na mentalidade capitalista, a gente é pago pelo que produz. No capitalismo selvagem brasileiro nem isso acontece; pois, muitas vezes, ganha bem mais quem menos trabalha (lembre-se dos "marajás"). Jesus, porém, na parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16), coloca um novo critério, ou seja, um sinal evangélico: Pagamento não conforme produção, mas segundo a necessidade de sustento da vida. Cada tra-

4 — Sobre as diferentes formas de pastorado, vide Manfred JOSUTTIS, **Prática do Evangelho entre Política e Religião**, 2. ed., São Leopoldo, Sinodal, 1982, p. 14-37.

5 — Acerca da necessidade de superar a estrutura paroquial não refletimos nesse momento. Algumas idéias a respeito temos compartilhado em outro artigo: Günter K.F. WEHRMANN, Chances e perigos da celebração de ofício da comunidade, in: MOLZ, C. & WEHRMANN, G.K.F. (ed.), **Ofícios**, PL, Suplemento 2. São Leopoldo, Sinodal, 1988, 11-35.

balhador precisa ganhar o necessário para viver. É óbvio que em nossa sociedade diversificada nem sempre é tão fácil definir o que seria o necessário para viver. Porém, não seria tão difícil eliminar, pelo menos na igreja, injustiças flagrantes, tais como: que o solteiro ganha tanto quanto o casado; ou que não se computa o ganho familiar; ou que um casal sem filhos ganha quase o mesmo quanto um casal com filhos em idade escolar⁶.

Enquanto não progredirmos na busca por mais justiça evangélica, importa ensaiarmos uma administração evangélica do dinheiro a nós confiado, independente do quanto ganhamos. É bom lembrar que nós pastores, no Brasil, em termos de salário, fazemos parte da pequena classe média baixa. Estamos situados aproximadamente na faixa dos 25% que está perto da ponta da pirâmide social. O Evangelho nos desafia a nos orientarmos para baixo, e não para cima. Pois Cristo tem uma compaixão preferencial para os pequenos. Isso nos constrange para levar um modo de vida mais simples, em termos de vestimenta, alimentação, lazer...

Já que o salário, em termos evangélicos, não é mera recompensa, mas confiado para o sustento e para socorrer ao necessitado (Ef 4.28), estamos livres para repartir e carregar os fardos uns dos outros. Nesse sentido, a Caixa de Auxílio Fraternal da IECLB, por mais fraca e imperfeita que seja, é um sinal de esperança, numa realidade de quase total abandono social e previdenciário.

IV — Perspectivas

O assunto, sem dúvida, foi apenas levemente tangido. Percebemos um grande leque de aspectos não analisados. Mas as poucas questões, enfocadas à luz do Evangelho, representam um desafio para superar a resignação e acomodação, diante dos conflitos que envolvem o relacionamento entre pastores da IECLB. Os tempos em que se achava que ser pastor seria “uma boa” já passaram. Isso talvez até seja bom!

Agora importa nós nos sentarmos juntos e analisarmos a nossa situação específica, à luz do Evangelho, com vistas à busca de mais fraternidade, aceitação, doação e cooperação. A caminhada é sob a cruz mes-

6 — Estamos cientes de que o assunto é mais complexo e de que ele já foi motivo de discussão em concílios. Mas, de certa forma, temos nos acomodado, talvez por resignação e frustração. Pensamos, porém, que o Evangelho nos desafia à colocação de sinais de mais justiça.

mo, e não sob a glória. A glória está reservada para a parusia de Cristo. Dêmo-nos as mãos, portanto, e caminhemos juntos, para que surjam sinais do Reino aqui e agora.

Nesse sentido, desafiamos a Conferência de Obreiros do Distrito Eclesiástico para a realização de uma ou mais reuniões extra-ordinárias, em que este assunto seja trabalhado e contextualizado.

V — Sugestão de Dinâmica para a Conferência de Obreiros

Já que o assunto envolve diretamente a família toda, convém estudar a possibilidade de tratá-lo com a participação não só do obreiro, mas do casal e/ou de seus filhos.

- Passo 1:** Todos os integrantes da conferência devem ter lido esse artigo, ou em casa ou na reunião em conjunto (no último caso, um retiro seria mais apropriado!).
- Passo 2:** O grupo compartilha sobre os conflitos que afligem os integrantes. Em comum acordo, decide-se qual é o conflito mais premente.
- Passo 3:** Ensaio de uma dramatização sobre esse referido conflito, sem levá-lo a uma solução.
- Passo 4:** Avaliação dessa dramatização, à luz do Evangelho e busca por pistas para conviver e crescer com esse conflito.
- Passo 5:** Celebração de uma nova dramatização, em que se parte do referido conflito e se ensaia o conviver e crescer com o mesmo.